

Raul Leal e Fernando Pessoa

Um Sublimado Furor Diabolicamente Divino

Rui Lopo*

Palavras-chave

Raul Leal, Fernando Pessoa, Vertiginismo, Vanguardas, Modernismos.

Resumo

Raul Leal (1886-1964), publicista, crítico musical e de artes plásticas, criador de obra filosófica original, poeta e dramaturgo é também autor de extensa obra dispersa sobre Fernando Pessoa, seu amigo e colaborador em diversas revistas e projectos culturais do chamado modernismo português (como *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Centauro*, *Presença*, etc.). Para além de se assinalar a convergência de preocupações filosóficas e intelectuais entre os dois autores, mesmo antes de estes iniciarem a sua colaboração efectiva (e até antes de se conhecerem), este trabalho procura resumir o encontro entre os percursos dos dois autores, procedendo ao levantamento de referências a Leal que constam da obra de Pessoa (editada ou não em vida), assim como do considerável acervo de textos de Leal dedicados a Pessoa, especialmente após 1935 (visando a publicação nunca efectivada de uma ambiciosa obra).

Keywords

Raul Leal, Fernando Pessoa, *Vertiginismo*, Avant-gardes, Modernisms.

Abstract

Raul Leal (1886-1964) was a novelist, music and fine arts critic, author of an original philosophical work, poet and theatre author. Leal wrote also a great amount of essays about Fernando Pessoa, his friend and colleague in various magazines and cultural projects of the Portuguese Modernism (as *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Centauro*, *Presença*, etc.). Besides pointing the convergence of intellectual and philosophical concerns between the two authors, even before they started to work together (and even before they met), this paper attempts to summarize the meeting between the paths of the two authors, proceeding to the survey of references to Leal in Pessoa's work (regardless edited or not in his life) as well as the considerable number of texts by Leal devoted to Pessoa, especially after 1935 (with the aim of publishing an ambitious essay about Pessoa, project that never succeed).

* Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

É muita pena que o rapazinho seja um pouco Orpheu de mais.

Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa,
Carta de 5-11-1915

E a pura Vertigem do Universo, do Espírito, cheia de ânsia, cheia de dor, quero que se personalize em mim.

Raul Leal, *O Incompreendido*

Tenho firme esperança que conseguiremos quebrar a conspiração de silêncio à volta de uma obra, como a sua, que tem sido como que o ignoto e invisível inspirador do que de mais audacioso se tem pensado entre nós.

Jorge de Sena a Raul Leal,
Carta de 23-7-57

I.

Este trabalho¹ tem como objectivo assinalar a necessidade de se vir a estudar exaustivamente a actuação e a obra de Raul Leal (1886-1964), autor insuficientemente atendido,² que acompanha Fernando Pessoa em diversos projectos comuns, com ele partilhando bem mais do que à primeira vista pode parecer, e que consideramos revestir-se de importância bem superior ao estatuto de mero personagem secundária do teatro de Orpheu que habitualmente lhe é concedido.³

¹ Actualizou-se a ortografia dos textos citados, com excepção da palavra *Orpheu*, por ser esse o título da publicação à data. Indicaram-se as cotas dos textos de Pessoa citados, sempre que tal foi possível. O subtítulo deste trabalho é uma citação da dedicatória manuscrita aposta por Raul Leal ao exemplar de *Sindicalismo Personalista* (Lisboa: Verbo, 1960) oferecido a Álvaro Ribeiro, que se encontra no fundo geral da Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota S.A. 37551 P.

² Sobre Raul Leal constata José Augusto França possuir ele “um pensamento inspirado que se conhece ainda insuficientemente”. Sobre a abordagem lealina ao pensamento pessoano, diz-nos França, que, mais do que esclarecer o pensamento de Pessoa, ela é responsável por “um discurso paralelo, numa média de convergências e de divergências registável na mesma geração do primeiro modernismo nacional, considerado nas suas duas personagens mais ‘vertiginosamente astrais’” (França, 1987: 75).

³ Este trabalho só foi possível graças ao esforço divulgativo pioneiro de Pinharanda Gomes, que coligiu postumamente alguns textos de Leal como “O Sentido Esotérico da História” (1970) e “Sobre os problemas do desporto” (1970), e que tem sido responsável por diversos estudos sobre o autor de *Liberdade Transcendente*, dos quais destacamos o mais recente: “Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta” (2000). Neste estudo, o autor, de certa forma, sintetiza os seus ensaios anteriores em torno de Leal; *cf.*, por exemplo, Gomes (1964, 1965, 1966a, 1966b, 1971 e 1972). Este trabalho é ainda devedor da publicação de várias peças da polémica em torno da *Sodoma Divinizada* por Aníbal Fernandes (edição Hiena, 1989; reed. Babel, 2011), assim como dos reparos e acrescentos a essa recolha feitos por José Barreto (2012). Queremos ainda expressar o nosso agradecimento a Joaquim Domingues, que estabeleceu uma bibliografia lealina bastante exaustiva (ampliando a anterior, da lavra de Pinharanda Gomes, inserta na sua obra *Filologia e Filosofia*, 1966) e que gentilmente nos

O que a seguir se apresenta é uma amostra de textos e um périplo pelos lugares que marcam, assinalam e constituem a ligação entre Pessoa e Leal. Pretendemos com isso não só dar conta da importância de Raul Leal no contexto do modernismo português, mas também alertar para a conveniência metodológica de estudar não só as obras de cada autor, mas também as intervenções de personalidades próximas – ainda que tidas por menores – nos movimentos em que se inserem, assim como as relações que entre si estabelecem, fazendo ressaltar as constelações que entre si estabelecem.

Iremos tentar estabelecer, desta forma breve e esquemática, um esboço bibliográfico de Raul Leal, em clave meramente indicativa e intenção antológica, não só apontando os seus contributos próprios e originais mais relevantes, mas sobretudo destacando os diversos momentos de encontro efectivo ou indirecto, biográfico ou hermenêutico, com Fernando Pessoa. Dado o peculiar estilo do autor, o seu generalizado desconhecimento⁴ e a difícil acessibilidade de muitos dos seus textos aqui referidos, optámos por citá-lo abundantemente, de forma a apresentá-lo na espessura da sua própria escrita. Registamos o facto de Leal se encontrar presente, como colaborador assíduo ou apenas ocasional, como poeta ou doutrinador, em diversas vanguardas estéticas e culturais do século XX português, do modernismo ao futurismo e ao chamado segundo modernismo, ao assim designado grupo *da filosofia portuguesa*,⁵ sendo ainda conhecido o seu intenso

facultou esse trabalho. Actualmente preparamos uma antologia de textos de Raul Leal referentes a Fernando Pessoa, de que este estudo constitui esboçada expressão.

⁴ Desconhecimento este que o autor presume ser devido a uma *incompreensão* e um esquecimento deliberados por parte da crítica. Já no fim da sua vida, em 1961, resumirá: “escreveram, há pouco, que os únicos sobreviventes de *Orfeu* são Almada Negreiros, Cortes Rodrigues e Alfredo Guisado, tendo eu, pois, sido acintosamente eliminado, como se já não vivesse ou nunca tivesse colaborado nessa revista, aleivosia que, aliás, nada me importa, visto que não é apoiado à muleta de *Orfeu* que pretendo alcançar a imortalidade, como parece insinuar o Prof. Prado Coelho, mas tão-sòmente pelo meu próprio valor pessoal, enfim, pelas minhas criações, o que não impediu que, após a morte trágica do Mário de Sá Carneiro, me tornasse eu o maior amigo de Fernando Pessoa, conforme tantas vezes me mostrou e principalmente pelo *manifesto* que publicou em *minha defesa e consagração*. Dessa verdade ninguém pode desmentir-me!” (Leal, 1970b: 43).

⁵ Essa colaboração está atestada pelo convívio com os membros do grupo filosófico, conforme o testemunho de Pinharanda Gomes. A este respeito lembremos a correspondência trocada entre Álvaro Ribeiro e Raul Leal (depositada na Biblioteca Nacional de Portugal, espólio 6) onde se encontram significativas referências a Pessoa por parte do autor de *Razão Animada*. Veja-se por exemplo a carta de 30 de Abril de 1955, onde Álvaro Ribeiro elogia Leal pelo seu contributo para uma renovação do paracletismo, do profetismo e do messianismo, temas caros ao seu próprio ideário, aproximando assim Leal do chamado *movimento da filosofia portuguesa*: “V. Excia muito tem contribuído para esse efeito, auxiliando e depois continuando os movimentos em que esteve interessado Fernando Pessoa. A sua visão mais alta torna-lhe difícil a expressão e a popularidade. No entanto, creia que as gerações mais novas, quer dizer, o escol das pessoas que nasceram já no segundo quartel do século XX, os homens que hoje contam de vinte e cinco a trinta anos, admiram em V. Excia a personalidade superior que não poderia ser reconhecida no tempo em que dominava o positivismo. Dos que foram educados pela Monarquia Positivista ou pela República Positivista,

convívio com o grupo surrealista de Lisboa, atestado pelo testemunho de Mário Cesariny (que lhe dedica o trabalho poético que apresentamos, a título meramente ilustrativo, como anexo a este trabalho) ou Luiz Pacheco (que reedita a *Sodoma Divinizada*, na sua editora Contraponto).

Procuraremos assim resumir o diálogo vivencial, cultural e filosófico travado entre Leal e Pessoa, anotando as diversas referências explícitas que um ao outro foram fazendo ao longo das suas vastas obras, ambas em grande parte padecentes de grande dispersão e, no caso de Leal, de uma muito limitada fortuna editorial.⁶

II.

Raul Leal nasce em 1 de Setembro de 1886, tem formação musical e frequenta a Universidade de Coimbra onde se forma como advogado em 1909, exercendo apenas durante poucos anos. Em 1910⁷ vai publicando diversos artigos de crítica musical, num dos quais, dedicado a Schumann, começa a expor a sua mundividência filosófica, o *Vertiginismo*.

Raul Leal logra publicar a sua obra especulativa maior, *A Liberdade Transcendente*, em Lisboa, em 1913, ano em que ainda não podemos provar que Leal e Pessoa já se conhecessem pessoalmente.⁸ Ora, esta obra é dada à estampa significativamente na mesma editora que irá encomendar a Pessoa as suas seis traduções teosóficas entre 1915-1916.⁹ Há nesta obra especulativa seminal uma

não estranhe V. Excia a incompreensão e a ingratidão. Espere e confie nos mais novos". O reconhecimento de Raul Leal pelos membros do *movimento da filosofia portuguesa* manifesta-se ainda nas preciosas referências que lhe são feitas por outros autores deste círculo como Santana Dionísio e António Quadros e pelos diversos artigos que Pinharanda Gomes lhe dedicou.

⁶ Além de a obra lealiana se encontrar amplamente dispersa por publicações periódicas, importaria ainda estudar a sua obra inédita em arquivos particulares e públicos, que presumimos de grande quantidade, assim como a sua correspondência, cujos ricos trechos aqui recolhidos fazem entrever a existência de um muito vasto acervo de grande importância documental e valia histórico-cultural.

⁷ É deste ano também a publicação de uma conferência dada por Leal: "A Situação do estudante em Portugal", conferência preparatória do Grande Congresso Nacional, realizado na "Liga Naval Portuguesa", em 23 de Março de 1910, para apresentação do relatório da "Sociedade Científica de Lisboa". É ainda de 1910 a redacção da peça de teatro "O Incompreendido", que todavia só será publicada nas páginas da revista *O Tempo Presente* nos anos 60. Sobre esta peça leia-se de Márcia Seabra Neves (2009), "O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 actos e quatro quadros)".

⁸ Saiu como introdução ao livro do divulgador da teosofia João Antunes, *A Hipnologia Transcendental*, pp. 9-132, num só volume e em separata (Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1913, Colecção "Psicologia Experimental", III).

⁹ As traduções para a Livraria Clássica Editora, na sua colecção "Teosófica e Esotérica", foram as seguintes: vol. I, C.W. Leadbeater, *Compêndio de Teosofia*, Lisboa, 1915; vol. II, Annie Besant, *Os Ideais da Teosofia*, Lisboa, 1915; vol III C.W. Leadbeater, *Auxiliares invisíveis*, Lisboa, 1916 [2.ª ed., 1921]; vol. IV, C.W. Leadbeater, *A Clarividência*, Lisboa, 1916; vol. V, *A Voz do Silêncio e outros fragmentos extraídos dos preceitos áureos*, ed. inglesa e notas de Helena Blavatsky, Lisboa, 1916; vol. VIII, M.C., *Luz sobre o Caminho e o Karma*, Lisboa, 1916.

reflexão sobre o que chama *sensacionismo* ou *sensualismo antigo*, definido como uma espécie de objectivismo rude, ainda falho daquilo que seria a contemporânea consciência da identidade *labiríntica* dos planos subjectivo e objectivo e da importância do vago, da divagação e da indefinição, conceitos cruciais do movimento reflexivo *vertiginista* proposto por Raul Leal, de indistinção de todas as definições e alargamento de todas as possibilidades cognitivas e existenciais:

Os velhos sensualistas ou sensacionistas procuravam sair dessa objectivação definida mas muito imperfeitamente o conseguiam, nunca deixando um definismo real em todas as suas concepções e em todos os fictícios objectos delas que nelas se não transcendentalizavam, espiritualizando-as bem. Limitavam-se a considerar impressões próprias, os objectos do exterior como os fenómenos do seu eu e não se introduziam nessas impressões num estudo profundamente analítico, numa verdadeira especulação. Eram vagas, superficiais as suas afirmações, nunca salientando bem numa escarpelização rigorosa a verdade que elas no fundo continham; nunca reduziam a axiomas, em si evidentes, as suas concepções, que eram impostas numa demonstração fria e lenta em que as ideias não surgiam numa continuidade íntima, essencial, delas transcendentalizadora, na continuidade perfeita da pura divagação.

(Leal, 1913: 13-14)

Esta obra de Leal, a mais extensa e ambiciosa da sua produção especulativa em livro, aguarda ainda pelo cuidado hermenêutico que, vencido o desafio do seu peculiar estilo *labiríntico* e da sua desconcertante e rebarbativa sintaxe, lhe reconheça, por um lado, a originalidade filosófica devida e, por outro, dê conta de como nela constam algumas das grandes preocupações filosóficas assumidas por Fernando Pessoa. Nesta obra encontramos ainda a assunção de uma espécie de messianismo artístico e filosófico, de consequências escatológicas todavia insuficientemente explicitadas, profetizando-se a vinda iminente de uma figura redentora designada como o *Hiperesteta*, por si preparado (numa hiperbólica e teatral assunção da sua importância pessoal, que sempre o acompanhará), propondo por intermédio dos:

[...] portugueses mais espiritualistas, elevar assim todo o Homem ao Transcendental Vertigoso, à Vertigem Pura, é o destino sublime que a mim próprio impus!... E assim, prepararei o advento do Hiperesteta que a convulsão Pura, Abstracta, Transcendente se sentirá, sentindo-se então a Vertigem, prepararei enfim, a mais sublime morte para a Humanidade, a Morte transcendentemente Vertigosa, preparando-a então, para mim!... O génio de Kant e Nietzsche transcendentalizado pelo espírito de Schumann elevado à Liberdade Pura dos portugueses animará o Futuro que se há-de abrir para a Humanidade!...

(Leal, 1913: 130)

Não podemos deixar de assinalar a coincidência temporal do anúncio lealino do *Hiper-Esteta* com o augúrio do *Super-Camões*, por parte de Fernando Pessoa, nos seus primeiros artigos publicados nas páginas de *A Águia* sobre a *Nova*

Poesia Portuguesa. Está ainda nesta obra apenas a florado o luso-centrismo que caracterizará o pensamento lealino mais tardio (de elogio das características fusionistas que estariam impressas no *carácter psico-étnico português*) – postura essa todavia de dentro contradita e implodida pelo próprio cerne especulativo do vertiginismo, como se verá –, embora seja já nítida a intencionalidade programática de *fusão* e hibridação de todas as ideologias e perspectivas filosóficas.

Apesar de, no decurso desta investigação, repita-se, não se terem encontrado registos de contacto entre os dois jovens autores antes de 1914, julgamos necessário confrontar os escritos teóricos e poéticos pessoanos dos primeiros anos com a proposta especulativa lealina. Desse cotejo muitas preocupações afins, paralelas ou convergentes se poderão encontrar.

Não deixa de ser digno de registo que seja Leonardo Coimbra ([1913] 2005), dirigente da *Renascença Portuguesa* e da revista *Águia*, o criador do *criacionismo* e autor de uma proposta de alargamento das possibilidades da filosofia, através da inspiração poética, a criticar violentamente Raul Leal, neste mesmo ano de 1913, na revista *Águia*, onde Pessoa colaborava e da qual se viria a afastar. As objecções da crítica de Leonardo Coimbra parecem centrar-se não só no estilo obscuro de Leal, mas sobretudo na sua pretensão megalómana de sintetizar e superar toda a tradição filosófica.

Sobre o problemático conceito de *filosofia* nas obras *teóricas* de Fernando Pessoa ou Raul Leal, que mereceria tratamento específico, constatemos aqui apenas a necessidade de se convocarem conceitos filosóficos não só para interpretar, mas até para integrar estas obras na história da cultura e atentemos igualmente no facto de os interesses culturais – e a própria inspiração – destes autores incidirem, para além do património ficcional e poético humano, e da teoria e estética da literatura, nas ciências humanas emergentes (sociologia, psicologia-psiquiatria, estudos de simbólica), no(s) esoterismo(s) e no fenómeno religioso em geral, (encarado, todavia, a partir de uma posição exterior às grandes religiões organizadas). Para além disso, estes autores tiveram também uma formação filosófica em sentido estrito que se manifesta nas suas obras (em notas de leitura ou reflexões fragmentárias mais desenvolvidas, em Pessoa; e em bizarras construções teóricas, publicadas em livro ou dispersas, no caso de Leal). A par destes dados contextuais e complexificadores, lembremos ainda que por estes anos se travou uma importante discussão sobre a relação entre poesia e filosofia para a qual contribuem autores tão diversificados como Teixeira de Pascoaes, António Sérgio e Leonardo Coimbra e, mais tarde, José Marinho e Álvaro Ribeiro.¹⁰

¹⁰ Veja-se o seguinte trecho de uma carta de Raul Leal a Adolfo Casais Monteiro, de 24 de Março de 1936, em que esta questão é especificamente tematizada: “No seu livro crítico mostra um fino espírito analítico e concordo absolutamente consigo quando caracteriza a poesia moderna como acentuadamente *subjectivista*, ao contrário da antiga. Hoje todo o mundo exterior passa pela alma que lhe dá o seu influxo particular e o seu colorido íntimo, não passando apenas, por assim dizer, à flor da pele como outrora. E isto é sobretudo verdadeiro no que respeita à poesia portuguesa, a

Assumindo pretender lançar um livro de filosofia, Leal afirma todavia que de “obras literárias poderá surgir o sublimismo da Vertigem melhor do que do mais perfeito tratado de filosofia” (Leal, 1913: 132).

Leal não dilata apenas os limites da discursividade filosófica, alargando e ampliando as possibilidades semânticas dos conceitos (o que coincidiria com o repúdio leonardino do *cousismo*, atitude que consistiria numa definição tão rigorosa que unívoca, tão fixadora que literalmente estática). O projecto aqui enunciado faz explodir completamente as palavras em convulsões de significação, transpondo para o campo da intencionalidade filosófica e do seu registo conceptual algo que correspondia então a alguma prática poética experimental de vanguarda. Leal assume-se como sujeito – porque ponto culminante – da expressão da totalidade (como conceito e experiência) almejada pela história da controvérsia filosófica de todos os tempos, afinal denunciada como conjunto de concepções *fictícias* estabelecidas por pensadores *fictícios*. Esta mesma denúncia também se revestirá, lógica, mas paradoxalmente, de um carácter *fictício*, pelo que neste texto que se pretende *filosófico* se afirma que a literatura poderá dizer melhor que a filosofia a noção de indefinição do mundo exterior e interior e o esmagamento provocado pela experiência disso mesmo.

Data de 1915 a participação de Raul Leal em *Orpheu*, n.º 2, com “Atelier. Novela Vertígica” (de tom simbolista). Também em 1915 publica o *Bando Sinistro*, manifesto político-literário e, em 1920, já assinando com o nome de Henoch¹¹, edita

partir de Antero que viveu emotivamente com toda a substância do eu o que os outros apenas profundamente pensavam. E por isso discordo no ponto em que levemente ataca a poesia filosófica, metafísica. Que obras poéticas tão grandes se têm feito com o pensamento filosófico! Os diálogos de Platão, repletos de emoção poética, os versos metafísicos e ocultos de Pitágoras, o justamente célebre poema didáctico de Lucrecio, *De rerum natura*, contém toda uma filosofia, enfim, Novalis, Antero, Pascoaes, Fernando Pessoa, nas suas melhores obras, e creio que eu! O que é necessário é viver com íntima emoção os mais altos pensamentos filosóficos, e hoje, mais do que nunca, isto se torna possível, mais do que possível, inevitável. O próprio José Régio, o próprio Adolfo Casais Monteiro que não admitem em teoria a aproximação da filosofia e da poesia, em muitos, em quase todos os seus poemas fazem não obstante verdadeira filosofia. E é insuflada por esta que a poesia se torna grandiosa, divina, sem se tornar inumana” (editado por França, 1987: 79).

¹¹ O profeta bíblico Henoch é apresentado como bisavô de Noé (*Génesis* 5: 18-29). De acordo com a tradição presente em S. Paulo (*Hebreus*, 11: 5), Henoch teria sido “levado” por Deus, assim escapando à morte. Há uma escritura apócrifa que lhe é dedicada, a qual é muito comentada pela tradição cabalística. Segundo Helena Blavatsky (leitura muito provável de Leal), Henoch ou Henoichion significa “olho interno ou profeta”, pelo que “qualquer Profeta ou Adepto pode ser chamado Henoichion sem se tornar um pseudo-Henoch”. Julgamos não ser de todo despropositado pensar que Leal poderia ter em mente este passo blavatskyano quando assumiu este *pseudónimo* bíblico. Este nome dá conta não só de uma visão de si como profeta, no que o podemos aproximar de alguns passos de Pessoa, e do cultivo do esoterismo, mas também de um significativo gosto pela despersonalização. Para uma explicação mais desenvolvida deste nome, veja-se o nosso estudo, (in Xavier [coord.], 2008: 1043-1052, *esp.* p. 1044, nota 5).

Le Dernier Testament – I. Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit. Hymne-Poème sacré, também em Lisboa. Pessoa teve seguramente conhecimento destes textos.¹²

Neste ponto há a assinalar a polémica travada ao tempo nalguma imprensa republicana em torno de *Orpheu*, estimulando a quezília política entre os membros de um grupo que se assumia fundamentalmente como artístico. Raul Leal irá anos mais tarde recordar esta polémica relativa ao carácter republicano ou monárquico da revista do seguinte modo:

O que é uma refinadíssima mentira é que *Orfeu* tivesse sido uma revista republicana, conforme inventaram os senhores da *República*. Tratava-se de uma revista de arte e não política. Aliás, não só eu e Guilherme Santa Rita éramos monárquicos confessos (creio que também Sá Carneiro), mas igualmente o Fernando fez uma verdadeira ode a Sidónio-Rei e escreveu uma carta-blague contra Afonso Costa, a par do meu manifesto *O Bando Sinistro*, como complemento deste, enviando-a para o diário *Capital*, o que levou Guisado a desligar-se até de *Orfeu*. São esses os factos e muitos mais, nesta ordem de ideias, que eu podia citar, não valendo, porém, a pena).

(Leal, 1970b: 43)

O contacto de Leal com Pessoa foi, por estes anos, bastante intenso.¹³ Assistimos ao convívio dos dois atestado por referências feitas por Pessoa nos seus diários (no caderno «X», de Dezembro de 1915 consta até um mapa astrológico de Raul Leal),¹⁴ mas também os encontramos juntos nas revistas literárias que nos habituámos a associar ao modernismo, considerando-as até como seus órgãos. Por

¹² Veja-se o excerto de um texto intitulado *Bandarra: Curioso caso interpretativo (R[aul] L[eal])*: “considerar o Império do Espírito Santo como o da Morte, e seguido ao do AntiChristo, que por sua vez [se] segue ao do Verbo. Isto acomoda-se ao que vai dito, sobretudo se se reparar na palavra ‘morte’” (Fernando Pessoa, *Sebastianismo e Quinto Império*, 2011: 233; cota 125B-39^o). No acervo remanescente da biblioteca particular do escritor, hoje à guarda da Casa Fernando Pessoa, encontra-se um exemplar de *A Liberdade Transcendente* (bastante sublinhado e que tem a peculiaridade de apresentar a *lista de obras* do autor rasurada e corrigida, substituída por outra no verso dessa página), que traz a seguinte dedicatória autógrafa de Leal: “Ao Fernando Pessoa, Espírito cheio de Beleza, of[erece] êste livro | Raul Leal | para lhe provar uma grande simpatia”. Já no exemplar de *L’Antéchrist et La Gloire du Saint-Esprit* pode ler-se: “Ao meu querido Fernando Pessoa, para o seu Espírito Altíssimo de Pensador e Artista. | Raul Leal”. Já em *Sodoma Divinizada* constam as seguintes palavras: “Ao meu querido Fernando Pessoa, para o seu génio quasi divino”. Nenhuma das dedicatórias se encontra datada.

¹³ Para uma aprofundada e detida panorâmica contextual do que foi a campanha de alguma imprensa republicana contra *Orpheu*, e das consequências que isso veio a ter no grupo, como o citado excerto alude, veja-se a obra de Nuno Júdice (1986), *A Era do «Orpheu»*. Vejam-se também os anexos finais de *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009).

¹⁴ Na entrada do seu diário de 16 de Novembro de 1915, Pessoa regista a recepção das provas da sua tradução de *Ideals of Theosophy* e um encontro com Raul Leal: “Read Caeiro and R. Reis to Raul Leal: he seemed to like very much and understand: so good moments.” No mesmo mês, a dia 29: “Met Leal and was glad”. Excertos incluídos em *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal* (2003: 163 e 168). Também em *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009)

exemplo, na *Centauro*, em 1916, Leal publica o texto literário “A aventura dum Satyro ou a morte de Adónis”.¹⁵

Atestando este contacto próximo encontramos um esboço de *Manifesto*, redigido por Fernando Pessoa numa folha¹⁶ em que constam também os nomes de Raul Leal e Violante de Cysneiros (pseudónimo de Côrtes Rodrigues).¹⁷ Ora, apesar do estilo fluido e articulado, pouco habitual em Leal, o que aqui surge expresso coincide sintética e resumidamente com as teses especulativas fundamentais surgidas em *A Liberdade Transcendente*, tematizando a modernidade como época da (re)descoberta ontológica do sujeito, da conformidade da matéria e espírito, da visão da verdade em Arte associada a uma palingenesia, da Vertigem como conceito central superador da noção de espírito:

Antigamente os homens não tinham perfeita consciência de si-próprios. Só modernamente é que isso acontece. Só modernamente, portanto, pode haver uma arte verdadeira.

Antigamente existia mais o mundo exterior que o interior, que, hoje, desde Kant, reconhecemos como o único real. A arte grega é toda falsa.

Mediante as velocidades e as complicações materiais criadas pelos produtos da ciência, conseguimos que a Matéria nos fizesse compenetrados da vertigem, do Espírito, da actividade espiritual.

Pela Máquina, pela Ciência, a Matéria espiritualizou-se, porque a ciência é a espiritualização da Matéria, a imposição a ela, do Espírito. Por isso só modernamente começa a perfeita conformidade da Matéria com o Espírito, a Idade de Úrano que vai raiar.

(Pessoa, 2009: 130-131; cota 75-89)

Ainda em 1916, em carta a Cortes Rodrigues, Pessoa, respondendo ao pedido do seu amigo, promete que lhe tentará arranjar um volume de *A Liberdade Transcendente*, de Raul Leal. Como aquele lhe pedisse novas do amigo comum, Pessoa comunica-lhe que Leal estaria em Espanha¹⁸ em muito mau estado mental (tentou alegadamente suicidar-se e ponderava alistar-se no exército francês).

¹⁵ Conto incluído em *Centauro*, Lisboa, Out.-Dez. 1916, pp. 39-59 [reed. fac-similada, Lisboa: Contexto, 1982]. No prefácio à edição fac-similada, Nuno Júdice (1982: VII) escreve: “‘Orpheu’ 1 e 2 representam o ponto de confluência em 1915, de dois percursos diversos e formalmente antagónicos (embora não inconciliáveis) da modernidade: o que nasce da poesia simbolista [...] e o que bebe a sua revolta e o seu inconformismo no exemplo futurista que desembocará no gesto de ousadia que a publicação do Portugal Futurista representará em 1917. No meio termo não ficarão inactivos os homens do modernismo”.

¹⁶ Cf. nota *a* do editor, Jerónimo Pizarro, de *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009: 130). No verso deste documento surge a seguinte indicação tópica: *Interseccionismo analítico*.

¹⁷ Nessa folha encontram-se notas que parecem indicar as opiniões de Violante e de Leal sobre o número de páginas que *Orpheu* deverá ter, o que ajuda a datar este texto dos anos 14 ou 15.

¹⁸ Fernando Pessoa teria conhecimento destas circunstâncias da vida de Leal por uma carta que lhe fora enviada pelo seu amigo em Dezembro de 1916, a qual foi publicada a par de uma outra, dirigida a Mário de Sá-Carneiro, ambas de registo muito íntimo e que atestam uma amizade profundíssima, compiladas por Mário Cesariny em *O Virgem-Negra*. – *Fernando Pessoa explicado às Criancinhas Naturais e Estrangeiras* por M. C. V. 2ª edição revista e aumentada, 1996. Destacamos

Num outro documento do espólio pessoano, datável do mesmo período, provavelmente 1916, encontramos uma lista de *Opiniões da nova geração*:

1. O Saudosismo (L[eonardo] C[oimbra] ou T[eixeira de] P[ascoaes])
2. O Integralismo Lusitano (João do Amaral)
3. O Bizantinismo (Luís de Montalvor)
4. O Vertiginismo (Raul Leal)
5. O Futurismo (Almada [Negreiros])
6. O Sensacionismo (F[ernando] P[essoa])
7. O Neo-Paganismo ([António] Mora)
8. O Classicismo... (algum poeta ou crítico a descobrir).

(Pessoa, 2009: 227; cota 48B-78^r)

Esta lista é curiosa a vários níveis, não só por diagnosticar em lista concisa os novos movimentos culturais, mas também por nela Pessoa incluir correntes de opinião já socialmente apresentadas e estabelecidas (saudosismo e integralismo) a par de posições quase desconhecidas, como o vertiginismo de Raul Leal e o sensacionismo e neo-paganismo de sua autoria ou de seus heterónimos.

No caderno «X», que já referimos, datado de Julho a Dezembro de 1915, consta um texto que apesar de longo, vale a pena reproduzir, pela sua elevada qualidade especulativa e pelo seu objectivo de condensar teórica e concisamente a atitude *filosófica* de Leal:

A filosofia de Raul Leal

É um sistema que não é já, propriamente, uma filosofia: transcende a filosofia. Mas, como é, apesar de tudo, filosofia, é a filosofia transcendendo-se a si-própria.

E se se perguntar como é que a filosofia se transcende a si própria, a resposta será – transcendendo-a.

A própria incapacidade de se pensar este sistema é a capacidade de pensar este sistema. A impossibilidade de o explicar explica-o. Não se pode definir – e essa é a sua definição.

Ao contrário de Hegel, para quem os contrários se fundiam, no fusionismo transcendente, o idêntico desidentiza-se, auto-contrasta-se. Os contrários deixam de existir, não, como em Hegel, porque se fundam, mas porque eles não são senão a limitação visual da sua própria oposição. É a oposição que os realiza, mas, como ela os não realiza, e eles não existem senão por ela, ela a si própria se irrealiza, através de eles a si própria se transcende.

O sistema de Hegel é o materialismo do transcendente; o de Raul Leal é o transcendentalismo do Transcendente. Pelas próprias consequências doutrinariamente práticas do hegelianismo o seu íntimo carácter tanto “materialista” como estático se derrota.

dessa rica epístola a Pessoa o seguinte e significativo passo: “Promete-me o Fernando Pessoa um Triunfo Glorioso para daqui a nove anos; Sim, mas isso é se eu viver. O meu horóscopo não indicará agora uma época possível de crise que poderá ser mortal?”. Presumimos que mais cartas poderão existir, seguramente remetidas por Raul Leal e eventualmente também de Pessoa, a par destas que têm sido avulsamente divulgadas nos projectos editoriais aqui citados e cuja busca e levantamento faz urgir um esforço sistemático.

Envolto na linguagem confusa,¹⁹ perplexa, propriamente e explicavelmente *vertigosa* do próprio sistema, o fusionismo transcendente revela contudo, aos espíritos que quiserem descer ao seu abismo através dos turbilhões de névoa da sua expressão, a sua íntima e original riqueza substantiva.

Era impossível que quem concebeu tal sistema o pudesse exprimir claramente. Exprimi-lo claramente, mesmo, é não o compreender.

A grande ficção vertigosa, o grande Meio inestável das cousas, o abismo absoluto e ilocável do ser, o oceano sem praias do Absoluto Relativo.

Raul Leal: O seu espírito viveu demasiadamente o seu sistema.

(Pessoa, 2009: 319-320; cotas 144X-64^v e 65)

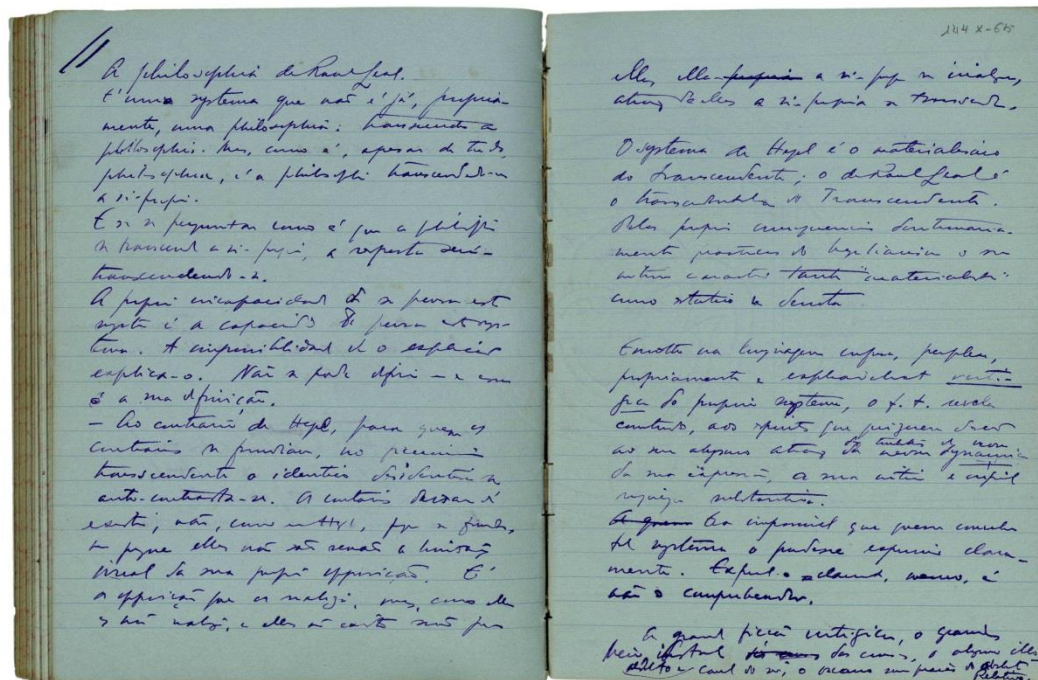


Fig. 1. BNP/E3, 144X-64^v e 65^r.

Não podemos deixar de referir a analogia que Pessoa estabelece entre a posição da teosofia, de aceitação integrativa de todas as religiões, e o seu próprio *sensacionismo*.²⁰ É neste sentido que entendemos a sua admiração pelo hegelianismo (embora por vezes o entenda de forma algo mecânica), e a afinidade relativa destas posições com o vertiginismo de Leal.

¹⁹ Cf. António Cândido Franco (2002), "Nota sobre a Obra de Raul Leal", onde se reflecte sobre as razões e intenções do peculiar estilo lealino. Também Cabral Martins (2008) se refere à Vertigem como um conceito obsessivo e ao estilo confuso de Leal como uma deliberada estratégia propiciatória da própria experiência da vertigem no leitor.

²⁰ Sobre esta relação, de analogia, consulte-se o nosso ensaio "Presenças do budismo na obra em prosa de Fernando Pessoa", onde ela se encontra mais desenvolvida e aprofundada, incluído nas actas do Colóquio Internacional "Pessoa, Nietzsche, Freud" (no prelo).

O primeiro parágrafo do próximo texto de Pessoa aqui apresentado, também postumamente editado, coincide em grande medida com a resposta à última pergunta (“O que calcula que seja o futuro da raça portuguesa”) da famosa entrevista de Alves Martins a Fernando Pessoa,²¹ publicada em 1923:

Quem pode viver a estreiteza extrema do catolicismo, quando fora dele há que viver todos os protestantismos, todos os credos orientais, todos os paganismos mortos e vivos – fundindo-os, portuguesmente, no Paganismo Superior. Não queiramos que fora de nós fique um único Deus. Absorvamos os Deuses todos! Na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são verdade. Conquistámos já o Mar; resta-nos que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os europeus que não são europeus porque não são portugueses.

O anseio português actual atingiu o seu estado paroxístico no assombroso sistema filosófico de Raul Leal, tão profundamente mais especulativo e profundo que toda a filosofia alemã, incluindo a hegeliana. Discordo, porém, desse sistema por ele representar uma opinião. Um português não pode demorar-se numa fé, numa crença, numa opinião: tem que buscar imediatamente a contrária, para se libertar. Humanistas transcendentais – eis o que devemos ser.

(Pessoa, 2009: 334; cota 55F-41^r)

Encontramos ainda Leal a redigir um manifesto designado como *ultra-filosófico*, em língua francesa, que será depois reenviado para confrades de letras estrangeiros e publicado no primeiro número da revista *Portugal Futurista*, em 1917, intitulado “L’ abstractionisme futuriste – divagation outrephilosophique”,²² de que destacamos o passo final e conclusivo em que se coloca o futurismo como caminho para o vertiginismo (já havíamos visto como, para Leal, toda a história da filosofia ou da arte atinge a sua culminância no sistema vertiginista, que a tudo totalizante e teleologicamente logra integrar):

De cette façon Santa Rita Pintor fait que le futurisme donne le plus qu’il peut donner dans le plan que lui est propre, un pas de plus et il tomberait dans le **Vertiginisme** concevant alors parfaitement et non pas plus un peu vicieusement le concret-en-abstrait—**Vertige** où il n’y a rien de physique. Santa Rita Pintor est un futuriste outré, son génie est la quintessence du **GÉNIE FUTURISTE!**

(Leal, 1917: página15)

²¹ Editada no n.º 23/24 da *Revista Portuguesa*, de Lisboa, em 1923, com o título “As nossas entrevistas. O escritor Fernando Pessoa expõe-nos as suas ideias sobre os vários aspectos da arte e da literatura portuguesas”. A datação hipotética de Jerónimo Pizarro entre Julho a Dezembro de 1915 para este conjunto de apontamentos (cf. Pessoa, 2009: 305-307), indica-nos que Pessoa colheu em anteriores textos seus os elementos para compor a resposta a essa entrevista. O que aqui sublinhamos é que tão celebrado texto de Pessoa tenha sido originalmente composto pensando na obra filosófica de seu amigo Raul Leal.

²² O texto traz indicação de Leal de ter sido redigido em Julho.

É deste ano que data o projecto comum a Pessoa, Santa-Rita, Raul Leal e Mário de Sá-Carneiro de contactar Marinetti, iniciando-se uma correspondência entre Leal e o futurista italiano, no passado erroneamente atribuída a Pessoa,²³ onde Leal propunha a criação de uma nova religião, com base nos princípios futuristas.²⁴ Se bem que hoje esteja esclarecida essa peculiar paternidade autoral lealina, já vimos ser atribuída ao génio de Pessoa a originalidade criadora de *ismos* de lealino pendor como indefinismo, vertiginismo, fusionismo e hibridismo. Propomos aqui que a reflexão pessoana sobre o sensacionismo, o objectivismo e o subjectivismo dialoga com a teorização patente na obra *Liberdade Transcendente*, de 1913 (onde se anuncia a intenção de publicar um drama em cinco actos intitulado *Hibridismo fatal*).²⁵ Ora, se bem que não seja viável datar com precisão absoluta a primeira ocorrência destas noções, é claro que elas aparecem nos dois autores (embora bem diversamente tematizadas e elaboradas), revelando um intenso e duradouro diálogo filosófico cheio de afinidades, ressonâncias e pontos de contacto.

²³ No espólio pessoano veio a encontrar-se uma carta a Marinetti, de 1921, redigida em inglês e que lhe foi atribuída: ver *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* (1967: 164-174). Pinharanda Gomes (1969: 74-78), mostra, decisivamente, que a carta é da autoria de Raul Leal, e de 1921, sendo de Fernando Pessoa apenas a tradução para inglês (demonstração posteriormente aceite pelos editores das *Páginas de Estética*), o que pode indicar a intenção dos conviventes de revelar este diálogo entre futuristas a um público mais vasto, uma vez que Leal e Marinetti efectivamente se comunicaram em francês, língua comum aos dois. Atentando a comunhão de interesses dos dois autores, lembremos que há no espólio pessoano esboços de cartas a Marinetti, testemunhando a intenção (frustrada) de contactar o futurista italiano. Ver *Sensacionismo e outros ismos* (2009: 377-378), e especialmente a nota *a*. Na correspondência com Jorge de Sena, Raul Leal diz ter sido *larga* a troca epistolar entre os dois, mas desconhecemos o seu paradeiro. Uma das peças desse conjunto, uma carta de Marinetti a Leal, encontra-se transcrita por Raul Leal na revista *Tempo Presente*, n.º 5, Lisboa, Set. 1959, pp. 21-22.

²⁴ Na sua obra *Sindicalismo Personalista. Plano de Salvação do Mundo* (1960: 50), Leal recorda esta comunicação no seguinte passo vertiginisticamente memorial: “Que é preciso dinamizar convulsionantemente a vida religiosa para pô-la de acordo com os nossos tempos de febre, de delírio, de vertigem, não resta dúvida, e fui eu o primeiro a sustentar essa tese numa carta que escrevi há anos (1921) a Marinetti referindo-me à fundação de uma Igreja Futurista que mais não era do que a Igreja Paracletiana, por Mim anunciada aos Povos do Mundo, carta que numa outra que me escreveu ele considerou muito importante, sublinhando estas palavras e afirmando que o futurismo alarga de dia para dia o seu horizonte. Mas o dinamizar convulsionantemente a vida religiosa e todo o cerimonial respectivo não é tirar-lhes a mística espiritualidade que lhes é própria e que, pelo contrário, se intensificará extremamente desde que se torne assim febril, delirante, louca...”.

²⁵ São prolixas e significativas (e constituem outro característico ponto comum com Pessoa) as listas de intenções de obras a publicar que Leal vai divulgando. Uma futura edição de obras de Leal, incluindo os seus inéditos e dispersos, deverá ser organizada a partir destas sugestivas listas.

III.

Em 1921 começa a funcionar a editora Olisipo, de Fernando Pessoa, onde se publicam os seus *English Poems*. Em Maio de 1922, Pessoa faz publicar a segunda edição, muito aumentada, das *Canções*, de António Botto, nas vésperas da partida do seu autor para Cabinda. É deste ano que data a polémica travada entre Raul Leal e Mário Saa no jornal *A Palavra*,²⁶ que as observações de Pessoa sobre Saa parecem ter em conta.²⁷



Fig. 2. Mário Saa, em *A Invasão dos Judeus*.

²⁶ É efémera se bem que intensa a colaboração de Leal nalguma imprensa monárquica (*O Liberal*, em 1917), de que destacamos, a título exemplificativo, a polémica com Mário Saa (*A Palavra*, em 1922), ou a extensa participação no *Correio da Noite* (em 1924).

²⁷ Mário Saa, em *A Invasão dos Judeus* (Lisboa: 1925: 268-288), dedica algumas páginas a Raul Leal, assim como aos seus companheiros modernistas e futuristas de *Orpheu*, como Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros ou Fernando Pessoa, todos eles agrupados – na sua originalidade e novidade estética – pela sua alegada ascendência judaica. Temos em preparação um estudo em que se coligem as posições de Saa sobre alguns modernistas avançadas neste volume (assim como no seu anterior opúsculo *Portugal Cristão-Novo ou os judeus na República*, de 1921), relacionando-as com a polémica travada com Leal e com os comentários de Pessoa a Saa que têm sido publicados (por ex. em Pessoa, 2006: 338-340). Recordemos ainda que, em 1925, na revista *Athena*, Mário Saa procura responder aos “Apontamentos para uma estética não-aristotélica”, antes apresentados na mesma revista, por Álvaro de Campos. A título ilustrativo, veja-se por exemplo, a p. 287 de *A Invasão dos Judeus*: “Raul Leal é um verdadeiro hebreu, e não apenas pelo aspecto psicológico, mas ainda pelo físico e ... metafísico! Ele pretende possuir espírito metafísico, quando, afinal, não possui mais que o delírio dos sentidos e a incapacidade de definir; à capacidade de definir chamará estreiteza de limites”.

Leal publica em Junho deste ano, na revista *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco, “A derrocada da técnica”.²⁸ É nesta mesma revista, no seu n.º 3, de Julho de 1922, que Pessoa publica “António Botto e o Ideal Estético em Portugal” – onde se defende que Botto, como esteta, substituiu a ideia de verdade e de bem pela de beleza e, guiando-se “só pela beleza, canta de preferência o corpo masculino” –, o que receberá violenta réplica de Álvaro Maia, no n.º 4 da revista, de Outubro de 1922, intitulada “Literatura de Sodoma. O Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal”, em que não só desqualifica o talento poético de Botto, mas também assume que o que tem a “dizer abonam-no a voz de Deus, a prosa candente e viril do Apóstolo das Gentes, a saúde do corpo e do Espírito; estão comigo as regras invioláveis da natureza e os ensinamentos inflexíveis da razão humana quando despida de romantismos de qualquer espécie, a Razão que actua sobre a sensibilidade e dela é capaz de se tornar absoluta dominadora”.²⁹

Raul Leal, em 16 de Novembro deste ano, redige também um artigo intitulado “António Botto e o sentido do Ritmo”, em referência à polémica em curso a propósito da obra de António Botto, no jornal *O Dia* (16-11-1922), onde considera que Botto é “uma das mais altas descobertas do nosso século glorioso e uma natureza universal, mas universalmente portuguesa”. Já no n.º 5 da *Contemporânea*,

²⁸ Veja-se o n.º 2 da revista *Contemporânea*, pp. 60-63. “A derrocada da técnica” e “Uma lição de moral aos estudantes de Lisboa” de Leal constituem dois dos 13 textos de uma lista, elaborada por Pessoa, de *documentos do neo-simbolismo, do futurismo e do sensacionismo portugueses* (cf. Pessoa, 2009: 439 e também Pessoa, 2012: 283), a par dos ultimatos e manifestos de Álvaro de Campos e Almada Negreiros e de outros textos de Luís de Montalvor, António Botto e do Pessoa ortónimo. Da mesma lista consta ainda um *Manifesto sobre Mário Eloy e Alb[erto] Cardoso*, já atribuído por José Barreto a Raul Leal: “Em 1924 Alberto Cardoso e Mário Eloy expuseram juntos no Salão da Ilustração Portuguesa do jornal *O Século* [...] Sobre esta exposição existia no espólio da família de Pessoa um texto de Raul Leal, de 18 páginas manuscritas, intitulado ‘La vision de deux artistes et la folie luxurieuse de Dieu. Appel aux jeunes gens à propos d'une exposition de peinture. Les salons de l'illustration Portugaise viennent de s'ouvrir pour deux artistes: Albert Cardoso et Marius Eloy’ (vd. O catálogo *The Fernando Pessoa Auction*, Lisboa: P4 Photography, 2008, lote n.º 34). O ‘manifesto’ a que a lista acima se refere é certamente, esse texto” (cf. Pessoa, 2012: 283, nota a). Este *Manifesto* de Leal deverá ser cotejado com o texto que Leal publicará mais tarde na *Presença*: “Mário Eloy: le grand évocateur d’incubes”, n.º 16, Coimbra, Nov. 1928, p. 6. Para uma visão panorâmica da importante polémica em torno desta exposição, e do papel da revista *Contemporânea*, consulte-se de Daniel Pires (pesquisa e coordenação editorial) e António Braz Oliveira, *Pacheco, Almada e “Contemporânea”* (1993). Neste álbum incluem-se ainda muitas peças da polémica, da responsabilidade de autores tão variados como José Pacheco, Raul Leal ou António Ferro.

²⁹ *Sodoma Divinizada*. Lisboa: Olisipo, 1923; 2 ed., Lisboa: Contraponto, 1961, com gravuras de João Rodrigues; 3.ª ed., Lisboa: Hiena, 1989, com organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes; esta edição, de 1989, foi reeditada pela Babel em 2010. Neste artigo servimo-nos da 3.ª ed. Para este passo, ver a p. 53. A esta polémica acrescentam-se outras peças, como por exemplo, a de Marcello Caetano, “Arte sem moral nenhuma”, *Ordem Nova*, n.º 5, Lisboa, 1926. José Barreto (Barreto 2012) republicou recentemente quatro peças da polémica, não só revelando textos que não constam da recolha de Aníbal Fernandes, como corrigindo-a significativamente e fazendo-a acompanhar de um estudo de enquadramento.

quem esperasse uma resposta de Pessoa a Maia é desiludido, pois Pessoa apenas lhe sugere uma irónica rectificação gramatical numa discreta nota aí incluída.

Sai depois, em 1923, já não na revista *Contemporânea*, mas em opúsculo, editado pela Olisipo, *Sodoma Divinizada, leves reflexões teometafísicas sobre um artigo*, assinado por Raul Leal – Henoch. Nele pode ler-se o seguinte passo:

A propósito da bela individualidade de António Botto, o Sr. Maia ataca a luxúria e a pederastia, *Obras Divinas*. Incapaz de sentir os prazeres altíssimos da Carne-Espírito que o Verbo consagrou, ataca-os numa forma vil e tola. Como a Razão herética, filha da Serpente e do Anticristo, contraria o delírio da carne divinizada que é uma expressão de loucura bestialmente espiritual a negar a Razão, sacrílega anti-Loucura, anti-Vertigem, o Sr. Maia, esquecendo-se que o racionalismo é filho dos últimos séculos de heresia e livre exame, enaltece-o encomiasticamente só para satisfazer a sua bília contra a vertigem luxuriosa na Vida, antítese da Razão. Ora fique sabendo, Sr. Maia, que esta, procurando sempre determinar, delimitar precisamente tudo, a tudo põe limites, sendo a consagração herética do Limitado. Deus é o Infinito e impor o Limitado, como o impõe a sacrílega Razão, é negar Deus! Se o Infinito não vai contra limites é que ultrapassa metafisicamente todos os limites, obra da Razão que determina, que delimita, que *limita* tudo. O Infinito ultrapassa pois a Razão, é Ultra-razão em Vertigem. O que tem por essência o Infinito é, por natureza, indeterminável por ser indelimitável, é enfim, Indefinido Absoluto, que exprime pura Vertigem na Vida. Tudo é infinito, só o Infinito existe, só existe Deus, nada se pode pois determinar, possuindo pois tudo uma natureza imprecisa que se escapa de nós quando a procuramos agarrar pela razão determinadora, e deste modo se tudo é metafisicamente ou teometafisicamente impreciso, incerto, é que tudo tem a Vertigem por essência. A Vertigem é com efeito a suprema imprecisão anti-racional ou, antes, ultra-racional, das cousas mergulhadas no infinito de Deus. E é por mergulharem no infinito de Deus que as cousas são imprecisas, incertas, vertigicas. Logo, a Vertigem é sagrada, é divina. O infinito é o Indefinido Absoluto, é a própria Vertigem que é assim Deus.

(Leal *et al.*, 1989: 74-75)

A polémica é intensa e dá azo à publicação de diversos textos e à proibição das obras de Botto e Leal. Álvaro de Campos publica o famoso “Aviso por causa da moral” e Leal a sua “Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o descaramento da Igreja Católica”, 1923. Fernando Pessoa responderá à polémica com o artigo intitulado “Sobre um manifesto de estudantes”:

Há três cousas com que um espírito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com elas é um dos sinais distintivos da baixeza da alma: são elas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o autor do manifesto o escreveu a sério, ou crê louco o doutor Raul Leal, ou não crendo, usa o parecer crê-lo para o conspurcar. Só a última canalha das ruas insulta um louco, e em público. Só qualquer canalha abaixo dessa imita esse insulto, sabendo que mente.

(Leal *et al.*, 1989: 121)

Os jovens são qualificados como

[...] o resultado da Monarquia dos Braganças e da República Portuguesa, produto de uma sociedade preparada em vários séculos de educação fradesca e jesuítica, pela anulação do espírito crítico e científico, [...]

(Leal *et al.*, 1989: 122)

E finalmente:

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais – porque não posso desejar melhor – de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amizade, que não tem limites, mas também da minha admiração pelo seu alto génio especulativo e metafísico, lustre que será da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tê-lo por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, diferentes e sozinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

(Leal *et al.*, 1989: 125)

No rescaldo da polémica, que terá deixado marcas bem fundas, permanece o interesse destes autores pelo tema filosófico da loucura, que dá azo à publicação de diversos textos, de que destacamos, de Raul Leal, na revista *Athena*, “A loucura universal”, de 1924:³⁰

Com muita razão escreveu Fernando Pessoa: “...é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heróis, loucos os santos, loucos os génios, sem os quais a humanidade é uma mera espécie animal, cadáveres adiados que procriam”. É assim mesmo! Na loucura, qualquer que ela seja, sobretudo no seu período agudo, exprime-se admiravelmente toda a vida convulsiva do Universo e do Infinito.

(Leal, 1924: página47)

São pois diversas as colaborações de Leal em revistas nas quais Pessoa também participou, como, por exemplo na *Sudoeste*, de Almada Negreiros, onde publica “Super-Estado”.

³⁰ É provavelmente do mesmo ano, 1924, o texto *A visão de dois artistas e a luxuriosa loucura de Deus. Apelo às gerações novas a propósito duma exposição de pintura*, Lisboa, Imprensa Lucas & C^a.



Fig. 3. "Os precursors do modernismo em Portugal".
O Noticias Illustrado, n.º 37, 2.ª série, 24 de Fevereiro de 1929.

Em 1936, na *Presença*,³¹ (no número especial – o 48 – dedicado a Pessoa, por ocasião da sua morte), Leal edita “Na glória de Deus” apresentado como primeiro capítulo do livro em preparação, *Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império*³² (mais tarde, na correspondência mantida com Jorge de Sena depois de 1957,³³ Leal dirá que este seria o subtítulo do livro *A Idade Paracletiana*, que só poderia publicar-se depois da sua morte). O plano desse livro, segundo confidencia em carta a António Pedro, à data editor, a quem pede ajuda na sua publicação (assim como de uma obra de teoria política – a propósito do conflito italo-etíope – em que pretendia fundir todas as ideologias) era o seguinte:

Quero referir-me a um estudo que estou fazendo sobre o nosso querido Fernando Pessoa, estudo que pelo título geral e dos capítulos se vê claramente que é sensacionalíssimo, devendo mesmo causar um enorme escândalo [...] Vou-lhe dizer *muito confidencialmente* quais os títulos a que acabo de aludir. O estudo intitula-se: Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império, e os capítulos: I. Na Glória de Deus; II. Fernando Pessoa, um dos Oito Maiores de Portugal; III. A dupla personalidade do Artista-Pensador; IV. A legenda de Henoch; V. «A hora das chaves», VI. Como se exprimem as relações substanciais entre as duas personalidades de Fernando Pessoa; VII. Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Eu; VIII. Os Cinco Impérios. IX. Os fundamentos satânicos e divinos, astralmente carnis e sinistramente pomposos do Quinto Império; X. O Quinto Império e a Igreja Católica, os Templários, a Companhia de Jesus e a Ordem do Divino Paracleto.

(Cf. França, 1987: 76-77)

³¹ Antes disso, é de assinalar a longa participação que manteve na *Presença*, onde, com Pessoa, assegurava a continuidade do legado do chamado *primeiro modernismo*: “Le Dernier Testament. II - Messe noire. Poème sacré” (inédito) (Final), *Presença*, n.º 4, Coimbra, 8 Maio 1927, pp. 4-5; “A criação do futuro. A organização bolchevista pelo fascismo através da acção norte-americana e sob o regimen duma monarquia libertária”, *Presença*, n.º 8, Coimbra, 15 Dez. 1927, p. 4; “Psaume”, *Presença*, n.º 10, Coimbra, 15 Mar. 1928, p. 5; “Lamentations de Henoch (do poema inédito Messe Noire)”, *Presença*, n.º 12, Coimbra, 9 Maio 1928, p. 7; Psaume, *Presença*, n.º 13, Coimbra, 13 Jun. 1928, p. 3; “Psaume”, *Presença*, n.º 14-15, Coimbra, 23 Jul. 1928, p. 11; “Mario Eloy, le grand évocateur d’incubes”, *Presença*, n.º 16, Coimbra, Nov. 1928, p. 6; “Psaume”, *Presença*, n.º 19, Coimbra, Fev., Mar. 1928, p. 3; “O incompreendido”, [peça dramática em 3 actos e 4 quadros, primeiro acto, scena VI], *Presença*, n.º 23, Coimbra, Dez. 1929, p. 3 [com ligeiras alterações, saiu no *Tempo Presente*, n.º 15, Jul. 1960, pp. 81-82, como ‘Sétima cena’]; “Excerto do drama metafísico em 3 actos e 4 quadros, O incompreendido, (terceiro ato, segundo quadro)”, *Presença*, n.º 25, Coimbra, Fev., Mar. 1930, pp. 9-15 [com ligeiríssimas alterações, corresponde às pp. 57 (fim) a 74 do n.º 20 de *Tempo Presente*, Dez. 1960]; “Messe noire, poème sacré (excêrto)”, *Presença*, n.º 31-32, Coimbra, Mar.-Jun. 1931, pp. 24-25; “A virgem-besta”, *ibidem*, p. 25 (como já acima se creditou, este levantamento exaustivo é da responsabilidade de Joaquim Domingues).

³² Data de 12 de Fevereiro de 1936.

³³ Ver uma carta a Jorge de Sena de 18 de Maio de 1958, em *Jorge de Sena – Raul Leal. Correspondência 1957-1960* (2010: 74). Um pequeno excerto desta correspondência havia já sido dada a conhecer em “Uma carta de... a Jorge de Sena”, *Nova Renascença*, n.º 18, Porto, Primavera de 1985, p. 148-160 [de Abr.-Maio 1959, apresentada por Mécia de Sena]; Jorge de Sena irá valorizar Leal, incluindo alguns “Excertos poéticos” da sua lavra na antologia que organizou, *Antologia das Líricas Portuguesas*, 3.^a série, Lisboa, 1959.

Um outro excerto deste projecto foi publicado com o título: “O ‘Telesma’ ou da Origem da Existência” na revista *Itinerário*, n.º 3, Coimbra, Set.-Out. 1965, pp. 9-10, como pertencente ao inédito *A Idade Paracletiana – Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império* (o qual foi apresentado por Pinharanda Gomes, pouco depois da morte de Leal).

Contamos futuramente apresentar de forma mais exaustiva e sistemática mais textos de Leal dedicados a Pessoa, cuja referência aqui meramente se anota.³⁴

Já nos últimos anos de sua vida, Raul Leal é acolhido pela revista *Tempo Presente*, que lhe irá publicar diversos textos literários e teóricos, de que aqui destacamos apenas os textos em que Pessoa e o *Orpheu* são expressamente tematizados, nomeadamente o ensaio “As tendências orfaicas e o saudosismo”,³⁵ onde procura sintetizar a sua memória vivencial do grupo de conviventes de *Orpheu* e apresentar o seu projecto de renovação da literatura em clave anti-academista:

[...] o movimento ultramodernista de Orfeu – à frente do qual estavam, como indiquei já, o meu Grande Amigo Fernando Pessoa, a Quem o culto desmedido de Dioniso deu uma morte prematura, Mário de Sá Carneiro, que convulsionantemente se suicidou em Paris, e o malogrado poeta Luís de Montalvor, que um espantosamente trágico desastre no Tejo para sempre arrancou à vida, - não surgiu, de modo algum, para destruir propriamente o que de mais grandioso apareceu no passado, mas apenas a mumificação académica das criações antigas.

(Leal, 1959a : 17-18)

Ao arrepio de certas visões do grupo que mais valorizam a sua feição estética, Leal apresenta a atitude metafísica como central ao movimento, distinguindo-a todavia do espírito saudosista, por si superado:

O que dominava em quase toda a colaboração literária de Orfeu era o espírito metafísico e a mais poderosa astralidade.

(Leal, 1959b: 42)

³⁴ Listemos, na impossibilidade de aqui sobre todo este manancial nos debruçarmos detidamente, logo na década de 40, “Trinta anos do *Orpheu*. Excertos de um estudo”, *República*, Lisboa, 20 Maio 1945. Há significativa referência a Pessoa, mais tarde, no artigo, “O Quinto Império Bíblico”, *Tempo Presente*, n.º 17-18, Lisboa, Set.-Out. 1960, pp. 85-107, e em “As criações metapsíquicas de Fernando Pessoa”, *Diário da Manhã*, Lisboa, 4 Dez. 1960. Lembremos ainda a “Carta de Raul Leal a João Gaspar Simões a propósito de *Vida e Obra de Fernando Pessoa* e de Aleister Crowley”, de Junho 1950, publicada na revista *Persona*, n.º 7, Porto, Ago. 1972, pp. 54-57; e lembremos ainda que João Gaspar Simões irá incluir um poema de Leal, “Psaume”, na sua *História da Poesia do Século XX*, p. 561, e dedicar-lhe-á um capítulo do seu livro memorial *Retratos de Poetas que conheci – autobiografia*, já de 1974, onde dedica capítulos a autores como António Ferro, Mário Saa ou Raul Leal.

³⁵ *Tempo Presente*, nn. 5 e 7, Lisboa, Set. e Nov. 1959, p. 17-24 e 39-48 [transcreve uma carta de Marinetti para Raul Leal]: n.5, pp. 17-18.

[...] as tendências orfaicas e o saudosismo de Teixeira de Pascoais, que aquelas ultrapassaram, que transcenderam em genial delírio.

(Leal, 1959b: 44)

Segundo a postura omni-abarcante a que já nos habituou, Leal relaciona então o movimento de *Orpheu* com a sua concepção paradoxal, *vertiginista* do mundo:

Os fundadores de *Orfeu*, sem terem ainda absoluta consciência de tudo o que acabo de expor, sentiam, porém, no íntimo mais remoto de si próprios essas verdades delirantes apesar de só as notarem e apenas subconscientemente, não procurando encontrar a sua profunda explicação metafísica que é então dada pelo Vertiginismo Transcendente, de que, no entanto, abriram o caminho sinistramente esplendoroso que conduz, por fim, ao Paracletianismo – religião do Espírito Santo ou Divino Paraclete – que Deus-Satã quer que Eu anuncie, o qual é daquela minha concepção filosófica a Alta expressão diabólica e Mística. Com estas criações do meu Espírito Transcendente ultrapasso então sistematizadamente as tendências órficas como estas ultrapassaram o saudosismo. Sempre para além...

(Leal, 1959b: 48)

Merece-nos especial atenção o facto de Leal, no tom ostensivamente provocador que já lhe conhecemos, definir os principais heterónimos pessoanos não como meras personagens literárias, mas como

[...] verdadeiras personalidades fantásmicas em que Fernando Pessoa se integrava absolutamente, que vivia integralmente, que substancialmente se tornava, criando-a[s] metapsiquicamente em si próprio, não se tratando pois de simples produtos objectivados de imaginação e análise moldados fora do seu criador à maneira do Primo Basílio, Conselheiro Acácio ou Pacheco, com os quais, porém, Álvaro de Campos, Caeiro e Ricardo Reis foram para aí comparados por um crítico idiota.

(Leal, 1959b: 42)

Em constante diálogo com a obra de Pessoa, sobre a qual estaria escrevendo uma obra ambiciosa, da qual ia publicando estes extractos, Leal publica o artigo: “A profunda ética espiritual de Fernando Pessoa”, em 1960³⁶. Neste artigo, Pessoa é sempre designado como *Artista-Pensador* e incisivamente defendido contra a acusação de Álvaro Salema que teria alertado para um mero *formalismo* ou *academismo* de Pessoa:

O seu estilo, quando se assina Fernando Pessoa e não com heterónimos, é dum seiscentismo actualizado, então extremamente requintado, tendo, pois, um esplendor espiritual um tanto gongórico, e, assim repleto duma simbologia anímica que o arrasta, como verdadeiro *Orfeu*, às profundezas alucinantes do Ser.

[...]

³⁶ *Praça Nova*, n.º 5, Porto, Nov. 1960, pp. 1-2.

Fernando Pessoa na sua profundeza subtilizadora e esplendorosa, atinge o verdadeiro mundo astral, também alcançado ainda com maior esplendor delirante mas de uma forma menos profunda e subtil, por Mário de Sá Carneiro. Foi essa astralidade, por vezes espasmódica, do grupo de Orfeu, o que eu salientei no meu estudo publicado na revista *Tempo Presente*, que intitulo *As Tendências Orfaicas e o Saudosismo*, o qual serve de introdução à minha obra *A Idade Paracletiana*.

De facto, Fernando Pessoa aprofunda tanto o Ser que atinge o seu espírito quase em abstracto [...].

Em artigo de 1961, intitulado “A monadologia discriminatória de Fernando Pessoa”,³⁷ Leal contrasta a heteronímia pessoana com a monadologia leibniziana num ensaio que ecoa o texto da entrevista a Alves Martins (acima referida), em que Pessoa propõe uma síntese de todas as religiões e irreligiões:

O Paracletianismo (Religião do Espírito Santo ou *Divino Paraclete*) que é o fundamento espiritualista, mesmo tradicionalmente português deste é, pelo contrário, a *fusão absoluta*, pura, verdadeiramente *substancial* de todas as crenças religiosas, contendo até em si próprio o espírito feiticista, ainda que sublimado, enfim, purificado como tudo.

(Leal, 1970: 36)

No mesmo espírito *fusionista*, mas desta vez em enfoque mais propriamente ideológico (se bem que em Leal o fito seja sempre ontológico) em 1960, publica o livro *Sindicalismo Personalista. Plano de Salvação do Mundo*³⁸ dedicado “À memória sagrada do meu grande amigo Fernando Pessoa, alto espírito que trago sempre na minha alma criadora, iluminando-me o pensamento, o sonho e a vida”. Com essa inspiração sempre presente, nesta obra pode ler-se:

Aliás, o meu Pensamento Filosófico e Místico é já de si a fusão absoluta, substancial de todos os pensamentos do Passado e do Presente, nada estando fora dele, que portanto, acabará por substituir e dissipar qualquer filosofia exclusivista unilateral que nunca mais poderá vingar por si só, tendo que se integrar fatalmente no meu Pensamento Universal. JÁ É TEMPO DE DESAPARECER PARA SEMPRE A FRAGMENTAÇÃO DISPERSADORA DA VERDADE que tantas lutas fanáticas, muitas vezes sanguinárias, tem gerado implacavelmente!

(Leal, 1960a: 58-59)

O registo profético e escatológico é exaltado e o tom é altissonante, anunciando-se uma nova era espiritualizadora do mundo e redentora da humanidade:

O que será essa Nova Era, espero dizê-lo em breve, amplamente na minha obra, quase concluída, que intitulo *A Idade Paracletiana*, a qual tem o subtítulo de *Fernando Pessoa*,

³⁷ *Diário da Manhã*, 9 Dez. 1961, incluído em *O Sentido Esotérico da História*, ed. cit., p. 31-39.

³⁸ Uma das obras inéditas cuja publicação nesta obra se anuncia é justamente *La création de L'avenir, Fusion Absolue de Toutes les Ideologies Dominantes*.

precursor do Quinto Império ou Terceiro Reino Divino (*Paracletianismo*, título de uma outra obra que estou organizando, é a Religião do Espírito Santo ou Divino Paracleto que Deus Quer que Eu anuncie ao Mundo).

(Leal, 1960a: 15)

Afirmando inequivocamente a presença inspiradora de Pessoa:

Ora, todo esse *processus* labirinticamente contrástico do Além, através de que se exprimem em estado de extrema sublimação divinizante e astralizadora – *esplendorosamente* divinizante e *abismicamente* tanto como *sombriamente* astralizadora – todas as mais variadas e opostas tendências psíquicas, em busca dessa *mesma sublimação espiritual* exprime-se com força e poder no Génio *multiformemente* Criador de Fernando Pessoa, que, numa revoada vertiginificante de Sonho, vive na Alma todos os contrásticos fantasmas do Mundo Astral, expressão sublimada, *que o Génio também vive*, do nosso mundo ainda impuro de contrásticas tendências psíquicas, quase tão complexas como esses fantasmas *infinitúplos* do Além. Com o seu Espírito subtilíssimo de Artista-Pensador, Fernando Pessoa, a quem consagro todas as minhas obras numa Alta Homenagem feita de profunda Admiração Suprema e de uma Grande Saudade que não tem limites nem fim, consegue, na realidade, visionar e viver inteiramente através de todo o Seu próprio EU e como um verdadeiro Sonho Astral, impregnado de Além, a nebulosa e perturbante contrastogenia fantásmica em que transcendemos do nosso próprio Ser. Esse tão profundo e subtil Génio Criador, absolutamente multiforme através de uma unidade psíquica fundamental que eu saliento fortemente na minha obra *A EDADE PARACLETIANA*, é um Mundo Imenso de Espírito, é o Universo, é o Infinito!

E na Cidade Astral do Divino Paracleto que toda a minha Alma concebe em Delírio e em Vertigem, esse Imenso Mundo Espiritual, que é Fernando Pessoa, surge num Arrebatamento Puríssimo, repassado de Glória, inundado de Além...³⁹

(Leal, 1960a: 179-180)

No final do livro, parafraseando Wagner, que teria afirmado *crer em Deus como em Beethoven*, ele assume por igual a sua crença em Deus a par da repetição saudosa da dedicatória inicial, re-lembrando o *Amigo* em quem profundamente crê: “o alto espírito que trago sempre na minha alma criadora, iluminando-me o pensamento, o sonho e a vida!” (cf. Leal, 1960a: 180).

IV.

Lançamos neste texto um florilégio de *presenças* de Raul Leal na obra de Fernando Pessoa a par de diversos textos e passos que o autor de *Liberdade Transcendente* dedica ao poeta dos heterónimos propondo-nos futuramente vir a desenvolver a hipótese hermenêutica segundo a qual seria conveniente para os estudos pessoanos que se aprofundassem os nexos implícitos e indirectos entre os dois autores. Do levantamento e análise desses nexos revelar-se-ão fundas afinidades ainda impensadas, tanto ao nível da concepção da arte e, especialmente, da literatura, em tensão latente ou conflito aberto com o pensamento filosófico;

³⁹ *Sindicalismo Personalista*, ed. cit., pp. 179-180.

nexos ainda se encontrariam ao nível da noção de arte como agência de libertação, do aristocratismo ético - manifesto na noção de actuação moral individual como território de expansão da Liberdade -, ou na concepção do mundo como totalidade deveniente e processual em que tudo em tudo se contém, realiza, funde e indetermina, que se articula com o interesse que ambos manifestam pela mística da *coincidência dos opostos* e pela estrutura do *paradoxo* como figura apta a dizer verdades complexas, relativas a níveis de realidade distintos, ainda que complementares. Em Raul Leal, a teorização filosófica da *unidade dos contrários* é obtida na prática da luxúria, na criação artística ou na política utópica, desde que alimentadas pela *loucura universal*, pelo *furor diabólico-divino*, pela *Vertigem*, conceito central na sua obra e que designa simultaneamente a participação de Deus na matéria e o resultado final (e apenas ante-visto por profetas e artistas) desse processo.

Segundo a hipótese aqui meramente enunciada, o Vertiginismo de Leal pode ser visto como um contributo de grande valia para a interpretação filosófica da heteronímia, até pelo peso que nele tem a discussão do estatuto do sujeito individual, a partir de uma muito pessoal apropriação reelaboradora da monadologia de Leibniz, da ética de Espinosa e do idealismo kantiano e posterior.

Destacariamos ainda o interesse quase obsessivo que os dois acalentam pelo tema da *loucura* em suas várias acepções. Comum às obras teóricas dos dois autores é também o desenvolvimento dos tópicos escatológicos, do messianismo e do profetismo.

ANEXO

O Raul Leal era
O único verdadeiro doido do "Orpheu".
Ninguém lhe invejasse aquela luxúria de fera?
Invejava-a eu.

Três fortunas gastou, outras três deu
Ao que da vida não se espera
E à que na morte recebeu.

O Raul Leal era
O único não-heterónimo meu.

Eu nos Jerónimos ele na vala comum
Que lhe vestiu o nome e o disfarce
(Dizem que está em Benfica) ambos somos um
Dos extremos do mal a continuar-se.

Não deixou versos? Deixei-os eu,
Infelizmente, a quem mos deu.

O Almada? O Santa-Ritta? O Amadeo?
Tretas da arte e da era

O Raul Leal era
Orpheu.

Cesariny (1996: página 79)

Referências

- BARRETO, José, (2012) “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923” in *Pessoa Plural* n.º 2, pp. 240-270.
- Centauro*, número único, 1916. Reeditado em fac-símile com um prefácio de Nuno Júdice: Lisboa, Contexto, 1982.
- CESARINY, Mário (1996) *O Virgem-Negra. – Fernando Pessoa explicado às Criancinhas Naturais e Estrangeiras por M. C. V.* Lisboa: Assírio e Alvim, 2ª edição revista e aumentada, Col. Peninsulares Especial, n.º 31 [inclui cartas de Raul Leal dirigidas a Pessoa e a Leal].
- COIMBRA, Leonardo (1913). “A Liberdade Transcendente de Raul de Oliveira Leal”, *A Águia*, n.º 23, Porto, p. 160; incluído em *Obras Completas (1913-1915)*, vol. II, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005, p. 138-139.
- FRANÇA, José Augusto (1987). “Duas cartas inéditas de Raul Leal”, *Colóquio Letras*, n.º 95, Lisboa: FCG, pp. 75-79.
- FRANCO, António Cândido (2000). “Nota sobre a Obra de Raul Leal”, em *Poesia Oculta (estudos sobre a moderna lírica portuguesa)*. Lisboa: Vega, pp. 61-65.
- GOMES, Pinharanda (2000). “Raul Leal: a vertigem da utopia absoluta”, em *História do Pensamento Filosófico Português*, vol. V, tomo 1. Lisboa: Caminho, pp. 263-272.
- ____ (1972). “Vocabulário filosófico (contribuição), 2. Raul Leal”, em *Pensamento Português – II*. Braga: Pax, pp. 38-40;
- ____ (1971). “Leal (Raul Oliveira de Sousa)”, em *Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, vol. XI. Lisboa: Verbo, col. 1589.
- ____ (1966a). *Filologia e Filosofia (temas de filologia e filosofia portuguesas)*, Braga: Livraria Pax, pp. 23-56.
- ____ (1966b). “Raul Leal”, *Itinerário*, n.º 7, Coimbra, [incluído em *Pensamento Português – I*. Braga: Pax, 1969, pp. 63-67].
- ____ (1965). “Um d’Orpheu – Raul Leal”, *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris*, n.º 34, Lisboa [aperfeiçoado, foi incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 23-45].
- ____ (1964). “O Incompreendido – por ocasião da morte de Raul Leal”, *Espiral*, n.º 3, Lisboa, Outono, pp. 59-64 [incluído em *Filologia e Filosofia*, pp. 47-56].
- JÚDICE, Nuno (1986). *A Era do “Orpheu”*. Lisboa: Teorema. Coleção “Terra Nostra”.
- LEAL, Raul (1970a, ed.). “A monadologia discriminatória de Fernando Pessoa”, *Diário da Manhã*, 9 Dez. 1961 [incluído em *O Sentido Esotérico da História*, Pinharanda Gomes (org.). Braga: Pax, pp. 31-39].
- ____ (1970b). “O sentido esotérico da História”, *Diário da Manhã*, 28 de Maio de 1962, [incluído em *O Sentido Esotérico da História*, (ed. cit.) p. 41-46].
- ____ (1960b). “A profunda ética espiritual de Fernando Pessoa”, *Praça Nova*, n.º 5, Porto, Nov., pp. 1-2.
- ____ (1960a). *Sindicalismo Personalista. Plano de Salvação do Mundo*. Lisboa: Verbo. Coleção ensaio n.º 2.
- ____ (1959b). “As tendências orfaicas e o saudosismo”, *Tempo Presente*, n.º 7, Lisboa, Nov., pp. 39-48.
- ____ (1959a). “As tendências orfaicas e o saudosismo”, *Tempo Presente*, n. 5, Lisboa, Set., pp. 17-24.
- ____ (1936). “Na glória de Deus” [primeiro capítulo do livro em preparação, *Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império*], *Presença*, n.º 48, Coimbra, Jul., pp. 4-5.
- ____ (1924). “A loucura universal”, *Athena* n.º 2, Lisboa, Nov. pp. 47-49
- ____ (1920). *L’Antéchrist et La Gloire du Saint-Esprit*. Lisboa e Rio de Janeiro: Portugália.
- ____ (1917). “L’abstractionisme futuriste – divagation outrephilosophique”, *Portugal Futurista*, n.º 1, Lisboa, pp. 13-14.
- ____ (1913). *A Liberdade Transcendente*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. Coleção “Psicologia Experimental”, n.º 3.

- LEAL, Raul; PESSOA, Fernando & MAIA, Álvaro (1989). *Sodoma Divinizada*, Aníbal Fernandes (org. e edição). Lisboa: Hiena.
- LOPO, Rui (2008), "A Ideia e a visão de Deus de Raul Leal: introdução às dificuldades do seu estudo", in *A questão de Deus na História da Filosofia*, Vol II – *A Questão de Deus, História e Crítica*, Coord. Maria Leonor Xavier, Sintra: Zéfiro e FCT/CFUL, pp. 1043-1052.
- MARTINS, Fernando Cabral (2008) "Raul Leal", em *Dicionário de Fernando Pessoa e o modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- NEVES, Márcia Seabra (2009). "O teatro mínimo de Henoch. Uma leitura de *O Incompreendido* (drama psicopatológico em 3 actos e quatro quadros)", pp. 125 a 137 [Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/240/210>. Acesso em: 13 Maio 2013.]
- PESSOA, Fernando (2012). *Prosa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e António Cardiello, colaboração de Jorge Uribe. Lisboa: Ática. "Obras de Fernando Pessoa", Nova Série, coordenadas por Jerónimo Pizarro.
- ____ (2011). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática. "Obras de Fernando Pessoa", Nova Série, coordenadas por Jerónimo Pizarro.
- ____ (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. "Edição Crítica de Fernando Pessoa", Série Maior, Volume X, coordenadas por Ivo Castro.
- ____ (2006). *Escritos sobre Génio e Loucura*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. "Edição Crítica de Fernando Pessoa", Série Maior, Volume VII, coordenadas por Ivo Castro.
- ____ (2003). *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição de Richard Zenith, com colaboração de Manuela Parreira da Silva e traduções de Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PIRES, Daniel (pesquisa e coordenação editorial); OLIVEIRA, António Braz (1993). *Pacheko, Almada e "Contemporânea"*. Lisboa: Bertrand. Apresentação de Helena Vaz da Silva.
- SAA, Mário (1925). *A Invasão dos Judeus*. Lisboa: s.l., s.n., [Libânio da Silva].
- SENA, Mécia (2010). *Jorge de Sena – Raul Leal. Correspondência 1957-1960*. Lisboa: Guerra e Paz. Prefácio de José Augusto Seabra.

Outras fontes

Correspondência de Álvaro Ribeiro e Raul Leal (depositada no Espólio de Álvaro Ribeiro, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 6).